

A LEITURA DE KANT SOBRE OS TERREMOTOS DE LISBOA COMO MOTIVO PARA O NASCIMENTO DA GEOGRAFIA FÍSICA

Letícia Helena Fernandes de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *A Antropologia pragmática como Weltkenntniß segundo Immanuel Kant*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ele pretende mostrar como os textos kantianos sobre o Terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755, ajudaram o filósofo a ensejar um projeto de Geografia Física. Nos três artigos sobre o terremoto, o jovem filósofo procura compreender o fenômeno referido que assolou uma pequena parte da terra através de uma perspectiva diferente de sua época. Nesse sentido, o filósofo alemão pretende chamar a atenção do leitor a fim de mostrar que Deus não está ao dispor de cada ser humano individualmente e que é infundado atribuir a causa dos terremotos a Ele. O que o autor pretende é resgatar a reflexão que faltava para que os seres humanos pudessem pensar com mais clareza que tipo de fenômeno estava lhe importunando. Já no curso de Geografia, iniciado em 1756, Kant pretende tematizar o homem através da compreensão da natureza – da superfície terrestre. No seu entendimento, faltava nos alunos uma reflexão mais apurada sobre sua própria morada, e a geografia pretendia oferecer isso.

PALAVRAS-CHAVE: Terremoto. Lisboa. Geografia Física. Conhecimento do Mundo. Kant.

KANT'S READING OF LISBON EARTHQUAKE AS A REASON FOR THE BIRTH OF PHYSICAL GEOGRAPHY

ABSTRACT: This article is part of the master's thesis entitled *Pragmatic Anthropology as Weltkenntniß according to Immanuel Kant*, linked to the Graduate Program in Philosophy at the Federal University of Paraná (UFPR). It intends to show how the Kantian texts on the Lisbon Earthquake, which occurred in 1755, helped the philosopher to give rise to a project of Physical Geography. In the three articles about the earthquake, the young philosopher seeks to understand the referred phenomenon that devastated a small part of the earth through a different perspective of his time. In this sense, the German philosopher intends to draw the reader's attention in order to show that God is not at the disposal of each human being individually and that it is unfounded to attribute the cause of earthquakes to Him. What the author intends is to rescue the reflection that was lacking so that human beings could think more clearly about what

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduada na mesma área pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Participa, desde 2019, do Grupo de Estudos de Filosofia Moderna e Contemporânea e atuou como Tutora através do Projeto Filósofas UFPR em 2021. E-mail: leticiahelenafoliveira@gmail.com

OLIVEIRA, L. H. F.

kind of phenomenon was bothering them. Already in the Geography course, started in 1756, Kant intended to thematize man through the understanding of nature – of the terrestrial surface. In his understanding, students lacked a more accurate reflection on their own home, and geography intended to offer that.

KEYWORDS: Earthquake. Lisbon. Physical geography. Knowledge of the World. Kant.

INTRODUÇÃO - ENTRE O TERREMOTO DE LISBOA (1755) E O SURGIMENTO DA GEOGRAFIA FÍSICA (*PHYSISCHE GEOGRAPHIE*)

“Somos estrangeiros numa terra em que nada nos pertence”.²

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *A Antropologia pragmática como Weltkenntniß segundo Immanuel Kant*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). No desenvolvimento da pesquisa, principalmente no que tange ao papel primário que a Antropologia ocupa, é importante considerar como ponto de partida textos que ofereceram um contexto importante ao nascimento da Geografia Física.

A que está atrelado a preocupação de Kant³ com a Geografia Física? Por que a geografia é tão importante para a sua filosofia? E, se é possível confirmar essa importância, por que ainda tal disciplina ocupa um lugar periférico em partes da obra kantiana? Essas são perguntas complexas, visto que a origem da geografia é complexa. É complexa porque não é possível encontrar univocidade naquilo que Kant escreveu sobre ela, visto que alguns comentadores divergem sobre sua origem. Este fato nos autoriza a dizer que tentar encontrar uma certa univocidade em qualquer que seja o assunto no ambiente kantiano seria, no mínimo, descabido. Por isso que, na ampla caracterização sobre seu surgimento, optamos por escolher um momento em específico. Nesse sentido, sobre o nascimento da Geografia Física, depreende-se que:

As ideias cosmológicas parecem ter sido despertadas pelo largo e intenso debate filosófico que se içou em torno da metafísica do mundo (de modo especial, pela alteração – gerida sobretudo por Leibniz e Wolff - diante do processo de laicização da investigação cosmológica e, por conseguinte, do mecanicismo cartesiano e da filosofia natural de Newton) e, também, pela ocorrência, em 1755, do Terremoto de

² GNVE, AK 01: 456.

³ Os textos de Kant estão citados de acordo com a Academia (*Akademie Ausgabe*).

OLIVEIRA, L. H. F.

Lisboa (que fez ferver – em solo europeu - a contenda a respeito da ordem e da finalidade da natureza) (RIBAS, A. D.; VITTE, 2009, pp. 103-111).

Como se pode perceber, Vitte parece propor que as ideias cosmológicas de Kant estão atreladas a uma nova concepção de natureza. Devido a isso, partiremos do último ponto, a saber, os terremotos. A argumentação do filósofo alemão sobre eles ocorre durante uma fase importante para o seu pensamento (período que vai de 1754 a 1756), fase essa que nos mostra suas preocupações naturalistas, cosmológicas, históricas e geográficas.⁴

Pensar o coletivo, o destino dos seres humanos na Terra, a sua relação e o seu papel perante a natureza que os cerca não é surpresa para a filosofia kantiana. Esta é uma característica presente não apenas no período que é comumente chamado de pré-crítico que citamos no parágrafo acima. A catástrofe ocorrida no dia 1º de novembro de 1755, da qual nos ocupamos aqui, ressalta essa característica de forma muito clara.⁵ Os três ensaios foram publicados já nos primeiros meses de 1756 – mesmo ano do início do curso de geografia. Este fato parece ter impulsionado o jovem autor a ministrar um curso sobre Geografia Física justamente porque, a partir dele, seria possível reconsiderar nosso papel perante a natureza sob a égide de uma reflexão acerca da superfície da Terra – como o curso de geografia parece ter pretendido oferecer posteriormente. Diante do acontecido, foi preciso qualificar novamente a natureza e a própria Terra, exemplificando fenômenos e propondo um novo sentido de natureza.

1 – O TERREMOTO DE LISBOA SOB A PERSPECTIVA DE KANT

Kant precisa ser pensado de forma contextual. Ora, a razão pela qual Kant seria um exemplo de um filósofo que necessita ser compreendido à luz de um determinado contexto é

⁴ Reitera-se que o interesse de Kant pela história natural e pelos seus fenômenos ocorreu antes do Terremoto de 1755. Isto pode ser confirmado através da leitura dos seguintes escritos: *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (1755); *Untersuchung der Frage, ob die Erde in ihrer Umdrehung um die Achse, wodurch sie die Abwechslung des Tages und der Nacht hervorbringt, einige Veränderung seit den ersten Zeiten ihres Ursprungs erlitten habe und woraus man sich ihrer versichern könne* (1754); *Die Frage ob die Erde veralte, physikalisch erwogen* (1754); *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (Março de 1755); *Meditationum quarundam de Igne succincta delineatio* (abril de 1755) e *Entwurf und Ankündigung eines Collegii der physischen Geographie nebst dem Anhage einer kurzen Betrachtung uber die Frage: ob die Westwinde in unsern Gegenden darum feucht seien, weil sie über ein großes Meer streichen* (1757).

⁵ É importante ressaltar que a argumentação de Kant não orbita apenas em torno do terremoto do dia 1º de novembro de 1755, uma vez que ocorreram também terremotos no dia 18 do mesmo mês e nos dias 9 e 26 de dezembro do ano de 1755. Durante o texto, ele pretende realizar sua análise considerando esses dias específicos.

OLIVEIRA, L. H. F.

justamente o fato de não podermos, de forma alguma, entender como nasce sua antropologia, por exemplo, sem antes situarmos o leitor sobre o que instiga o filósofo a desenvolver cursos, palestras, trocar cartas e, como fruto de todo este esforço, publicar uma obra a respeito do assunto. Este mencionado contexto se faz presente também com a Geografia Física. Nesse sentido, destaca-se que é impossível compreendê-la sem antes analisar os aspectos externos em relação ao seu nascimento na filosofia kantiana. Desse modo, emerge-se a necessidade de refletir sobre os artigos que discorrem acerca dos terremotos de Lisboa para descobrir qual foi, de fato, a sua contribuição para o referido curso.

De acordo com Fonseca (2005, p. 124), a fase de 1754 a 1756 é demasiado importante para o desenvolvimento filosófico kantiano, pois mostra contundentes preocupações naturalistas, cosmológicas, históricas e geográficas em variável grau de sucesso.⁶ Pensar o coletivo, o destino dos seres humanos na Terra, a sua relação e o seu papel diante da natureza são características marcantes do período pré-crítico.⁷ Reconhecer este período para a filosofia de Kant é muito importante, visto que os seus artigos a respeito dos terremotos foram publicados um ano antes do curso de Geografia Física; e, no próprio curso de geografia, o autor trata novamente dos terremotos, ainda que de forma mais reduzida quando comparada com os seus artigos. Nesse caso, a tragédia ocorrida em 1755 parece ter ajudado o jovem autor, de certa forma, a construir um curso sobre Geografia Física no qual se vê não somente uma descrição sobre a Terra e tudo que a compõe, mas principalmente a tentativa de compreensão sobre o modo como o ser humano vive, como pensa e o que é.

Com cuidadosa atenção voltada aos terremotos, percebe-se a intenção de Kant de propor uma reflexão adequada sobre a nossa permanência na Terra. Como se vê nos ensaios do

⁶ O interesse de Kant pela História Natural e por seus fenômenos já ocorria antes do terremoto de 1755, fato que se confirma mediante a leitura dos seguintes escritos: *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (1755); *Untersuchung der Frage, ob die Erde in ihrer Umdrehung um die Achse, wodurch sie die Abwechslung des Tages und der Nacht hervorbringt, einige Veränderung seit den ersten Zeiten ihres Ursprungs erlitten habe und woraus man sich ihrer Versichern könne* (1754); *Die Frage ob die Erde veralte, physikalisch erwogen* (1754); *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (Março de 1755); *Meditationum quarundam de Igne sucinta delineatio* (Abril de 1755) e *Entwurf und Ankündigung eines Collegii der physischen Geographie nebst dem Anhage einer kurzen Betrachtung uber die Frage: ob die Westwinde in unsern Gegenden darum feucht seien, weil sie über ein großes Meer streichen* (1757).

⁷ Costuma-se dividir a filosofia de Kant entre pré-crítica e crítica. A fase pré-crítica é ambientada entre 1745-1770, período em que o autor estava profundamente envolvido com a tradição de Leibniz e Wolff. Aqui são escritas suas primeiras obras sobre os fenômenos naturais. O período de 1781 a 1791, marcado pela publicação *da Crítica da Razão Pura*, é conhecido por fase crítica (FIGUEIREDO, 2005, p. 7).

OLIVEIRA, L. H. F.

filósofo, a função dos cidadãos e cidadãs consiste justamente em refletir sobre essa permanência e reconsiderar aquilo que, de fato, se pode fazer em relação à natureza. De modo geral, segundo Santos (2016, p. 26), os artigos aqui referidos apontam para a singularidade, a magnitude, a extensão dos efeitos, o alcance e o significado dos Terremotos de Lisboa não apenas como um fenômeno físico digno de ser pensado por investigadores da natureza, mas por aquilo que representam enquanto desafio. Como consequência, isto propicia a interpelação e a ocasião para uma reflexão sobre o destino coletivo dos seres humanos, bem como sobre a própria condição humana.

Em 1º de novembro de 1755, no Dia de Todos os Santos, Lisboa assistiu sua paz ser colocada à prova por uma tragédia. A visão positiva do mundo se viu, naquele momento, fortemente abalada pelo terremoto. Essa paz, por sua vez, configurou-se tanto em relação à continuidade de uma vida normal entre os habitantes de Lisboa quanto na crença em Deus, o que não podia ser abalado e tampouco questionado. Evidentemente que um Deus bondoso e benevolente, como era visto, não castigaria sua cidade, seu povo, pois isso iria contra a religiosidade intensa dos habitantes de Lisboa que se encontravam em harmonia com a própria fé. Neste sentido, pode-se dizer que o terremoto provocou uma reflexão à época, uma vez que existiram pensadores que advogaram a favor de Deus com relação à catástrofe ou, em outras palavras, isentaram-no de qualquer culpa e, em contrapartida, houve pensadores que se esforçaram para provar o contrário.⁸

De acordo com Breidert (2019, p. 12), o terremoto não se limitou a sacudir a superfície terrestre, mas abalou também todo o mundo cultural, científico e espiritual daquela época. O terremoto não movimentou apenas a Terra, como também o ser humano que, em sua perfeita harmonia com a fé, se viu abalado por algo até então desconhecido. Este contexto ajudará a compor o quadro das ideias cosmológicas das quais

⁸ Entre os autores que se debruçaram sobre essa discussão, cita-se a *Teodicéia* (1710) de Leibniz numa tentativa de defender Deus contra todos os ataques da época. Existe também um poema de Alexander Pope (*An Essay on Man*) que retrata o espírito de Leibniz e o seu otimismo em face dos acontecimentos. Além disso, pode-se citar um libreto de Voltaire intitulado *Cândido ou o Otimismo* (1758), o qual apresenta uma narrativa filosófica em que o protagonista, apesar de passar por diversas dificuldades, ainda acredita no melhor dos mundos. Aqui, coincidente ou não, o personagem chega a Lisboa justamente em 1755 quando acontece o terremoto. A duplicidade do papel de Deus, fomentada por essa catástrofe, não foi discutida apenas pelos autores acima destacados. Podemos citar ainda Goethe em seu relato *Dichtung und Wahrheit*, pois ele evidencia a dificuldade de ver o terremoto como uma ação de um Deus paternal e justo.

OLIVEIRA, L. H. F.

(...) parece ter sido despertado pelo largo e intenso debate filosófico que se içou em torno da metafísica do mundo (de modo especial, pela alteração – gerida, sobretudo por Leibniz e Wolff – diante do processo de laicização da investigação cosmológica e, por conseguinte, do mecanicismo cartesiano e da filosofia natural de Newton) e, também, pela ocorrência, em 1755, do Terremoto de Lisboa (que fez ferver – em solo europeu - a contenda a respeito da ordem e da finalidade da natureza) (RIBAS; VITTE, 2009, p. 104).

É válido reiterar que não somente Leibniz e Wolff contribuíram para este processo de laicização referente à investigação cosmológica, pois, com Kant, especialmente, a investigação cosmológica tornou-se presente e importante para a Geografia Física. Convém chamar a atenção para isso, visto que, a partir da ocorrência do famoso terremoto, não se observa só um abalo da fé, mas uma espécie de nova configuração acerca da ordem da Terra e da natureza. Em virtude disso, destaca-se que há uma declarada persistência cosmológica em certas obras de Kant, pois, por exemplo, se o interesse do filósofo pelo assunto se desse somente pelo escrito de 1775 intitulado *História Geral da Natureza e Teoria do Céu (Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels)*, a investigação sobre as ideias cosmológicas não seria tão profícua.

Em sua obra *Pensamento sobre a verdadeira estimação das forças vivas (Gedanken von der wahren Schätzung der lebendigen Kräfte)*, publicada em 1747, além de ajudar a construir o *Entstehungsgeschichte* ou a filosofia crítica, Kant trata, mesmo que indiretamente, do objeto cosmológico. Em sua célebre dissertação de 1770, *De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis*, ele discorre sobre a problemática cosmológica ou sobre o significado do conceito de mundo, em sentido kantiano. Ainda, de acordo com (RIBAS; VITTE, 2009, p. 105), o motivo cosmológico ressurge e se revoluciona na obra intitulada *Crítica da Faculdade de Julgar (Kritik der Urteilskraft)* de 1790, pois é nela onde o filósofo alemão é pautado pela ideia de sistema, de organicismo da natureza, de juízo estético e de juízo teleológico. Disso depreende-se que existe uma aura intelectual que prevaleceu nos ensaios sobre o terremoto e que, simultaneamente, contribuiu para o desenvolvimento de uma Geografia Física.

O esforço de Kant se encontra, então, na investigação sobre as causas responsáveis pelos abalos sofridos na Terra. Dito de outra forma, seu esforço é provar ou, pelo menos, instigar as pessoas a respeito da possibilidade de pensar de outro modo este episódio, principalmente em relação à fé. Sua resposta em relação ao evento viria fortalecida através de três artigos publicados posteriormente durante um semanário ocorrido em sua cidade natal. Os escritos do autor sobre os terremotos estão motivados pela tentativa de fazer com que os cidadãos e cidadãs

OLIVEIRA, L. H. F.

passassem a refletir sobre as causas de um infortúnio como esse em detrimento da reconsideração do papel do ser humano na Terra, bem como o modo como ele se relaciona com a natureza.

Os três ensaios intitulados *Acerca das causas dos terremotos de terra, a propósito da calamidade que, perto do final do ano passado, atingiu a zona ocidental da Europa; História e descrição natural dos estranhos fenômenos relacionados com o Terremoto que, no final do ano de 1755, abalou uma grande parte da Terra; e Considerações adicionais acerca dos tremores de terra que, há algum tempo a esta parte, se têm feito sentir* mostram veementemente o anseio de Kant em tratar de fenômenos complexos da natureza, sob a égide de uma perspectiva naturalista e não mais atrelada à providência divina.

Era de se esperar que a primeira reação da população portuguesa fosse pensar que o desastre representou uma forma de Deus mandar um aviso aos seres humanos, opinião a qual Kant, certamente, queria evitar. Cabe ressaltar ainda que o filósofo não quer dominar a natureza e os artigos não podem ser vistos desse modo. Kant quer apenas compreendê-la de outro modo a fim encontrar um lugar para o ser humano nela, de modo que este possa compreender a si mesmo.

As explicações geológicas do filósofo prussiano no primeiro artigo começam tentando evidenciar qual seria a causa do terremoto, apontando que grandes acontecimentos afetam o destino dos seres humanos e, por isso, despertam a famosa ânsia de novidades em todos, suscitando-os a procurar por suas causas. Para Kant (GNVE, AK: 01:419), a fatalidade está sob os nossos pés e nossos males são muito reais. Devido a isso, medidas preventivas deveriam ser tomadas para evitar esses acontecimentos. Se, para ele, a fatalidade existe e está diante de nós, ela possui uma causa que está relacionada, inicialmente, ao lugar em que se encontram os habitantes do local atingido. No primeiro artigo, Kant diz:

Se, em situações tão adversas, é permitido ao homem usar de alguma cautela, se, face a tão generalizados tormentos, não se considera um esforço temerário e vão propor algumas medidas preventivas que a razão nos oferece, não deveriam então as desoladoras ruínas de Lisboa fazer ponderar o projeto de reconstruir a cidade de novo na longitudinal do mesmo rio, que descreve a direção em que os tremores de terra nessa região naturalmente têm de acontecer? (GNVE; AK: 01:40, p. 43).

Nesta perspectiva, o local seria uma referência principal para se pensar as causas de um terremoto. Dito de outro modo, se o acidente ocorreu em um determinado lugar com uma

OLIVEIRA, L. H. F.

característica específica, então é necessário mudar o lugar para que essa característica consequentemente seja modificada. Nesse contexto, se uma casa é destruída por um fenômeno da natureza, é necessário começar a pensar em desenhar casas diferentes para lugares diferentes. Segundo Breidert (2005, p. 16), parece coloquial demais considerar a afirmação de construir casas em outros lugares, esperando que nada mais ocorra com elas. Apesar disso, em face da enorme destruição, e em conjunto com a prevenção de futuros terremotos, essa proposta foi pensada por muitos, inclusive não somente se as casas deveriam ser construídas em outro lugar, mas se a localização da cidade deveria mudar. Em outra passagem, Kant pondera:

A tragédia de Lisboa parece, pois, ter sido agravada pela localização da cidade, construída na longitudinal do Tejo. Daí que, tendo em conta estas razões, nenhuma cidade de um país por diversas vezes vítima de tremores de terra, cuja direção seja possível determinar a partir da experiência, deve ser construída em direção paralela à que estas seguem (GNVE AK, 01:421, p. 44).

Na visão do filósofo alemão, a situação teria se agravado ainda mais devido a dois fatores. O primeiro seria o local onde Lisboa se encontrava e o segundo, como consequência, o fato de as casas não terem sido construídas de um determinado modo. Por isso a ocorrência do abalo teria sido tão atroz. Como podemos perceber, Kant está disposto a conduzir a sua argumentação considerando a localização do lugar como um fator originário e agravante para o desastre:

Inclinado no primeiro ensaio a ver aí uma evidência da ligação entre os oceanos e as águas intracontinentais, Kant está avisando que convém evitar os juízos prematuros...pois não é de todo impossível que agitação dos lados interiores se possa também dever a outros motivos (FONSECA, 2004, p. 127).

Por essa razão, Kant evidencia (GNVE AK 01:422) que um conhecimento da natureza é fundamental, pois prepara o sujeito para aquilo que oferece perigo. O estado temerário do que pode vir a acontecer anda ao lado do pouco conhecimento que se tem da natureza. Neste sentido, Kant se mostra disposto a encontrar as causas da ocorrência e demonstrar que essas causas são físicas e não oriundas de uma força divina.

De fato, para o filósofo (GNVE, AK 01:422, p. 46), torna-se claro que a inferência de grandes acontecimentos abala o destino coletivo dos seres humanos, fator que se justifica pelo ávido interesse em reconhecer as possíveis causas de tal ocorrência. Apesar de o exercício realizado pelo filósofo ser preliminar, Kant não abdica de chamar a atenção ao fato de que a

8

OLIVEIRA, L. H. F.

natureza espalhou por toda parte um tesouro demasiadamente relevante, o qual merece a admiração e a reflexão de quem pretende estudá-la. O ser humano, a quem é confiada a Terra em que vive, não esconde a sua vontade de conhecer, mesmo que a sua capacidade reflexiva seja abalada em decorrência de alguns acontecimentos inesperados, como é o caso do terremoto.

Para o filósofo (GNVE, AK: 01:423), as desordens atmosféricas demonstraram com mais nitidez o que estava para acontecer. Nesse sentido, o céu vermelho e os animais apavorados e à procura de refúgios seriam características disso. A compreensão de tal desordem, para Kant, significa muito, pois, a partir disso, os habitantes de Lisboa deveriam se preparar para os terremotos. No entanto, na visão do filósofo (GNVE, AK: 01:426), a razão sai de cena para dar lugar ao terror incutido no homem, fazendo com que a capacidade de reflexão racional se esvaia. Os seres humanos julgam ver, nestes casos, uma desgraça generalizada e um mal diferente do qual é lícito tomar precauções, imaginando que a dureza do destino pode ser suavizada, submetendo-se aos favores e desfavores do céu.

De acordo Kant (GNVE, AK: 01:427), há uma combinação de fatores responsáveis pelo terremoto e isso se torna evidente nos seus ensaios, seja por lugares de zonas montanhosas, seja pela exalação de vapores inflamáveis. Conhecer a superfície da Terra não quer dizer que se tenha total compreensão de sua extensão, visto que se compreende apenas partes no que diz respeito à natureza. O que ela faz é despejar acontecimentos iminentes que, de certa forma, não ocorrem em vão, como Kant tenta mostrar ao admitir que esses acontecimentos servem para estimular a reflexão sobre o espaço ocupado, como é mostrado no segundo e no terceiro ensaio.

Nessa premissa, Kant (GNVE AK, 01: 460) coloca que a necessidade de considerar que uma catástrofe como causa natural não se coaduna com a explicação divina ao pressupor que o acontecido fosse, de fato, um castigo divino. Isso se justifica porque Deus não pode ser visto como um mero justiceiro que envia avisos e castigos para cada cidadão. O motivo disso seria que nós não somos o único objetivo de Deus. Assim, os interesses do mundo não podem girar em torno de apenas um único ser humano, o qual é apenas uma parte daquilo que nele se encontra.

Em seus textos sobre o terremoto, o jovem Kant realiza um esforço interessante para demonstrar como tal fenômeno ocorre e ajuda a refletir sobre como deve ser observado sob uma perspectiva não divina. Todavia, isso não implica dizer que os seres humanos estão

OLIVEIRA, L. H. F.

abandonados na Terra à deriva de sua própria sorte, em outras palavras, à mercê das fatalidades da natureza. Na verdade, isto é necessário para reavaliar a relação dos seres humanos com ela, como se adapta a ela durante a sua breve passagem. De acordo com Santos (2016, p. 28), isso justifica não apenas uma investigação sobre os fenômenos da Terra, mas destaca certo valor antropológico exposto na incontornável condição telúrica do ser humano, no que isso afeta o destino deste e o obriga a refletir para encontrar a sua adequada relação com a natureza e, ao mesmo tempo, para encontrar a verdadeira medida de si próprio.

A parte final do último ensaio atesta uma beleza e uma trágica característica do ser humano: nascido para morrer, não consegue, todavia, suportar o que o afeta, porque aquilo que o afeta muitas vezes o faz perecer. Para Kant, (GNVE, AK: 01:460) os sujeitos se veem inconsoláveis por terem perdido bens que a ordem natural das coisas se encarregou de fazer desaparecer, já que os seres humanos são estrangeiros em uma terra onde nada lhes pertence.

Com a contemplação dessas desgraças espera-se, para Kant, que seja despertado no ser humano a solidariedade e a reflexão, entretanto, com a ressalva de encarar esses acontecimentos não sob os desígnios de uma divindade, pois isso se arroga em uma perspectiva da qual ele pretende se distanciar. Desse modo, segundo o filósofo alemão (GNVE, AK: 01:461), o ser humano não é o único objetivo das ações de Deus. Mesmo que se comporte como se fosse, ele é apenas uma parte. Assim, o sujeito se encontra nas trevas quando tenta adivinhar quais são os objetivos de Deus, visto que a sua vida possui uma finalidade mais nobre do que isso.

CONCLUSÃO

Kant pretendeu não só compreender os fenômenos da Terra, o lugar que o ser humano ocupa nela, bem como sua relação com a natureza que o cerca, mas ainda atestar a sua fragilidade quando se vê aterrorizado por algo desconhecido. A finalidade existe mesmo no próprio caos, ali onde os homens se encontram aparentemente entregues ao jogo cego do mecanismo das forças de atração e de repulsão. Desse modo, Santos (2016, p. 29) coloca que há, pois, um otimismo kantiano, mas um otimismo trágico, se é que estas duas expressões são congruentes. É evidente que tudo o que cercou o acontecimento de tal tragédia impulsionou as investigações referentes à sismologia moderna, naturalizando-a enquanto tal a fim de laicizar a

OLIVEIRA, L. H. F.

catástrofe, passando a olhar para tais desastres não como castigos divinos, mas como riscos naturais. Reitera-se que Kant procurou trazer a racionalização no meio da incerteza e da miséria humana ao propor caminhos alternativos para que o ser humano convivesse com isso:

Ao trazer o terremoto de Lisboa da esfera do transcendente para o domínio da ordem natural, Kant tentou mostrar-nos que, ao invés de procurar no desastre significados ocultos, deveríamos antes aperfeiçoar formas de coexistir com o risco da sua repetição (FONSECA, 2004, p. 137).

A partir das considerações kantianas a respeito do assunto, percebe-se ser necessário aceitar a precariedade da própria natureza humana; é preciso saber como se relacionar com ela. Os textos sobre o Terremotos de Lisboa, em particular, incorporam uma reflexão sobre os fenômenos físicos ocorridos na Terra. Através disso, é possível considerar que a geografia será, então, uma reflexão que, num primeiro momento, descreve a Terra e explora porque o ser humano precisa se adaptar à natureza e não o contrário.

Segundo Vitte e Ribas (2012, p. 12), a geografia nasce do esforço de Kant em instituir o regulamento epistemológico e metafísico das ciências da natureza. Não é caso de um fenômeno isolado, mas um processo ocorrido na história e na natureza que, acima de tudo, apresenta esta questão para a Geografia Física: o que o ser humano deve fazer de si mesmo diante disso? Em outras palavras: para que serve esse conhecimento sobre a natureza e como ele irá influenciar o conhecimento do mundo (*Weltkenntniß*), contribuindo para a Antropologia pragmática?

REFERÊNCIAS

- BREIDERT, W. Prefácio. In: KANT, Immanuel. *Escritos sobre o Terramoto de Lisboa*. Coimbra: Almedina, pp. 7-38, 2005.
- BREIDERT, W. (Hrsg.). *Die Erschütterung der vollkommenen Welt: Die Wirkung des Erdbebens von Lissabon im Spiegel europäischer Zeitgenossen*. Darmstadt: WBG, 1994.
- FONSECA, D. João. Posfácio à Escritos sobre o Terramoto de Lisboa. In: KANT, I. *Escritos sobre o Terramoto de Lisboa*. Almedina: Coimbra, 2005.

OLIVEIRA, L. H. F.

DOMINGUES, Alexandre; VITTE, C. Antônio. *O curso de Geografia Física de Immanuel Kant (1724-1804): Cosmologia e Estética na construção epistemológica da Ciência Geográfica*. R. RA'E GA, Curitiba, n. 17, pp. 103-111, 2009.

DURMAIER, Ana Thereza de Miranda Cordeiro. Kant e a Geografia. *Kalagatos*, Revista de Filosofia, CE, v. 11 n. 22, pp. 77, 2014.

Kant's gesammelte Schriften, hrsg. v. der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Bände I u. V: *Berlin: Georg Reimer*, 1910 u.1913); Bd. IX: Berlin / Leipzig: Walter de Gruyter, 1923.

_____. *Ensaio de Kant a propósito do terremoto de 1755*. Trad.: Luís Silveira. Lisboa: Publicações da Câmara Municipal de Lisboa, 1955.

_____. *Escritos sobre o Terramoto de Lisboa*. Trad.: Benedith Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2005.

_____. *Escritos pré-críticos*. Trad.: Jair Barboza (et al). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RIBAS, A. D.; VITTE, A. C. *O curso de Geografia Física de Immanuel Kant*. R. RA'E GA. Curitiba, n. 17, pp. 103-111, 2009.

SANTOS, R. Leonel. Pensar a catástrofe, pensar a atualidade: Os ensaios de Kant sobre o terremoto de Lisboa. *Stud. Kantiana*. 20 de abril de 2016, pp. 21-49.

TREVISAN, D. K. Os pensamentos sobre a verdadeira estimação das forças vivas e o surgimento de motivos críticos no pensamento de Kant. *Rev. Filosofia Aurora*: Curitiba, v. 28, n. 44, pp. 433-457, maio/ago. 2016.

VITTE, Antônio. A Geografia Física: Das mutações do mundo à Nova Teia do Cosmos. *Revista Brasileira de Geografia Física*. Recife-PE, Vol.2, n.03, set-dez, 2009, pp. 37-63.

VOLTAIRE, F. M. A. *Poème sur le désastre de Lisbonne / Poema sobre o desastre de Lisboa*. Trad.: Vasco Graça Moura, Lisboa: Alêtheia Editores, 2013.

WHITERS, Charles W. J. Kant's Geography in Comparative Perspective. In: ELDEN; MENDIETA (Org. ou Ed) *Reading Kant's Geography*. Nova York: Suny Press, 2011, pp. 47-65.